



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:**  
**PRÁTICAS**  
**PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**O ENFRENTAMENTO DAS DIFICULDADES DE LEITURA NO**  
**ENSINO FUNDAMENTAL**

**MARIA DO SOCORRO GENUÍNO DA SILVA MENDONÇA**

CAMPINA GRANDE/PB

2014

MARIA DO SOCORRO GENUÍNO DA SILVA MENDONÇA

**O ENFRENTAMENTO DAS DIFICULDADES DE LEITURA NO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Dra. Marta Lúcia de Souza Celino

**CAMPINA GRANDE/ PB**  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M539e Mendonça, Maria do Socorro Genuino da Silva  
O Enfrentamento das dificuldades de leitura no ensino  
fundamental [manuscrito] / Maria do Socorro Genuino da Silva  
Mendonça. - 2014.  
40 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:  
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da  
Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Marta Lúcia de Souza Celino, Departamento  
de Educação".

1. Leitura. Dificuldade de Ler. 3. Leitor. I. Título.

21. ed. CDD 372.4

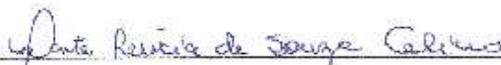
MARIA DO SOCORRO GENUÍNO DA SILVA MENDONÇA

**O ENFRENTAMENTO DAS DIFICULDADES DE LEITURA NO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

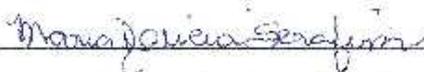
Aprovada em: 14 de 06 de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dra. Maria Lúcia de Souza Celino/UEPB

Orientadora



Prof. Ms. Maria Lúcia Serafim/UEPB

Examinadora



Prof. Dra. Valdecy Margarida da Silva/UEPB

Examinadora

**CAMPINA GRANDE/ PB**

2014

## **DEDICATÓRIA**

Dedico o presente trabalho, primeiramente a DEUS, meu mestre e orientador de todos os momentos, pois sem Ele nada seria possível em minha vida, a minha família que sempre esteve ao meu lado, pelo companheirismo e apoio.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por conduzir e proporcionar uma família maravilhosa e demonstração de afeto e companheirismo, por ter nos dado força e sabedoria para superar e vencermos todos os obstáculos e chegar até o fim do curso.

A minha Orientadora, Profa. Dra. Marta Lúcia de Souza Celino, pela dedicação e companheirismo.

A professora Cleoneide M. Nascimento pela força e apoio quando passei por momentos difíceis esteve sempre a motivar-me a continuar.

A todos que direta e indiretamente se fizeram presentes na construção deste trabalho, o meu muito obrigado.

“Tudo o que um sonho precisa para ser realizado é  
alguém que acredite que ele possa ser realizado.”

(Roberto Shinyashiki)

## RESUMO

O estudo consiste em uma pesquisa exploratória descritiva enfocando os modos de enfrentamento das dificuldades de ler dos alunos do quarto ano da Escola Estadual do Ensino Fundamental Professor Cardoso por parte dos professores e da equipe pedagógica. Os instrumentos de coleta de dados foram à aplicação de questionários junto a quatro professores que lecionam no quarto ano do Ensino Fundamental. O estudo revela que a pouca ou inexistência da competência de leitura pelos estudantes interfere negativamente no resultado da aprendizagem dos alunos. Os teóricos abordados como Amarilha (2000), Bamberger (1988), Foucibert (1999), Freire (2006), Martins (2006), Solé (2008) entre outros contribuíram para a construção desse saber. Esses autores enfatizaram teorias dentro da aquisição da leitura que contribuem para uma reflexão sobre o tema. Finalmente, implica-se que o conhecimento interno da escola como ponte para o aprimoramento da formação profissional do professor, permitirá novas formas de ensinar e aprender.

**Palavras chaves:** Alunos. Leitura. Dificuldades na aprendizagem.

## ABSTRACT

The study consists of a descriptive exploratory research focusing on ways of coping with difficulties reading of fourth-year students of the State School of Basic Education Teacher Cardoso by teachers and educational staff. The instruments for data collection were the questionnaires together with four teachers who teach the fourth year of Teaching Fundamental. O study reveals that little or lacks of reading competence by students adversely prejudice the outcome of student learning. The theoretical addressed as Amarilha (2000) , Bamberger (1988) , Foucabert (1999) , Freire (2006) , Martins (2006) , Solé (2008) , among others contributed to the construction of this knowledge. According to these authors emphasized theories in reading acquisition that contribute to the reflection on the reading. Finally, it is implied that the internal knowledge of the school as a bridge to improve teacher training, enable new forms of teaching and learning.

**Keywords:** Students. Reading. Learning difficulties.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>15</b>
1.1 O surgimento de uma prática revolucionária.....	15
1.2 A leitura no Brasil: uma prática pouco comum .....	19
1.3 Concepções de Leitura .....	23
1.4 A leitura na escola indispensável para formar um leitor cidadão.....	25
1.5 Biblioteca: Um lugar para ler .....	27
<b>2. A PESQUISA: A METODOLOGIA, O CAMPO INVESTIGADO E OS ACHADOS.....</b>	<b>28</b>
2.1 Metodologia.....	28
2.2 Campo investigado .....	29
2.3 Os achados e sua interpretação .....	30
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>4. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>
<b>APÊNDICE</b>	

## INTRODUÇÃO

O objetivo desse estudo foi investigar os modos de enfrentamento das dificuldades de ler dos alunos do quarto ano da Escola Professor Cardoso, por partes dos professores e da coordenação pedagógica da referida escola. O fato dos alunos não saberem ler deixa professores e equipe pedagógica preocupados com a situação.

Observa-se que os alunos vêm sendo remanejados de um ano a outro desde seu processo de alfabetização sem conseguir o ato de ler. As implicações da falta de leitura trazem dificuldades no seu desempenho de aprendizagem, além da falta de estímulo e interação com os colegas no ambiente escolar com as atividades diversas. Com a situação no cotidiano a escola procura meios de solucionar a realidade dentro do espaço escolar para que o desempenho escolar e social do aluno seja alcançado.

O motivo norteador que me levou a estudar essa temática é o fato de ser docente e perceber diariamente as dificuldades diversas dos alunos no desenvolvimento da leitura e o quanto as crianças trazem de conhecimento para socializar em sala de aula.

As condições de leitura utilizadas serão por meio do cultivo do espaço da biblioteca, através do Laboratório de Leitura, Literatura e Educação, como lugar onde a prática de leitura não esteja restrita à pesquisa e consulta, mas voltada para a satisfação de necessidades mais amplas do ser humano (culturais, afetivas, estéticas, etc.); Estimular o uso da literatura infantil como elemento essencial para a formação do leitor nas séries iniciais; Estimular o trabalho com oralidade no texto literário, aproveitando o universo infantil para as várias possibilidades de leitura; Formar o professor das séries iniciais como contador de histórias e criar conjuntamente metodologias que proporcionem a formação do gosto; Acompanhar e orientar o trabalho desenvolvido por professores em sala de aula; Disseminar e multiplicar as metodologias para formação do leitor; Habilitar o aluno para consulta em bibliotecas (conhecimento de regras de funcionamento, cuidados com acervo, procedimentos para inscrição, consulta e/ou retirada de trabalhos, etc.); Constituir acervo diversificado de literatura infantil e de material didático-pedagógico para alunos e professores, bem como produzir guias de leitura que auxiliem na seleção de obras literárias adequadas para o trabalho nas séries iniciais; expandir as formas de interpretação de textos escritos para diferentes campos

de linguagem (teatro, artes plásticas, música, cinema, etc.). Proporcionar acesso de alunos das séries iniciais a novas tecnologias, como o computador, por exemplo, desmistificando seu uso e viabilizando-o como nova possibilidade de linguagem.

Do mesmo modo, percebe-se o quanto o professor pode transformá-la em instrumento de uso pedagógico para o desenvolvimento de habilidades na leitura.

De acordo com Freire (2009, p.15) que descreve:

Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado (...). Fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.

A educação escolar precisa proporcionar momentos prazerosos de leitura que abrangem o contexto familiar e social em que o aluno esteja enredado, potencializando a formação de um sujeito crítico e reflexivo. É necessário, por sua vez, que o professor em sala de aula satisfaça as necessidades reais do aluno, considerando-o participante ativo do seu processo de aprendizagem e assim contribuindo para que possamos ter uma sociedade leitora e, conseqüentemente, formadora de opinião.

Vale salientar que o ato de ler é uma atividade complexa, que exige do leitor tempo, aplicação, concentração e determinação. De tal modo, cabe à escola, enquanto lugar de sistematização do conhecimento, o desenvolvimento e consolidação das práticas de leitura.

Mediante esses subsídios, Allende e Condemarín (2005, p.151), salientam que o domínio da leitura não só leva a ler bem, constitui também a obtenção de um instrumento ligado à totalidade da vida cultural do leitor. Após os primeiros anos de educação fundamental, maior parte da atividade escolar baseia-se na leitura como meio de estudo; a formação escolar fica mediada pela leitura. Por outro lado, fora da escola, o leitor adulto tem na leitura um extraordinário meio de informação, trabalho, ferramenta prática e entretenimento. Desta forma, Bamberger (1988, p.29), afirma que:

Quando uma pessoa sabe ler bem não existem fronteiras para ela. Ela pode viajar não apenas para outros países, mas também no passado, no futuro, no mundo cósmico. Descobre também o caminho para a porção mais íntima da alma humana, passando a conhecer melhor a si mesma e aos outros.

Perante essa realidade, os professores de todas as áreas do conhecimento devem atuar como intermediários de leituras, para que possa permitir ao aluno o gosto espontâneo pela leitura. E para que isso se consolide, é de suma importância que o docente, em suas práticas pessoais e pedagógicas, seja leitor e pesquisador.

E desta forma, a formação de cidadãos capazes de entender os diferentes textos que circulam na sociedade e assim formando cidadãos conscientes e que formador de opinião. É fundamental que se organize um trabalho na escola para que os alunos tenham contato e obtenham bons materiais de leitura, mundo extremamente rico, diante da quantidade de fontes disponíveis em seus variados formatos na sociedade informacional.

Atualmente no contexto social, a comunicação é de suma proeminência e indispensável à vida das pessoas. Em meio a tantas formas de comunicação, destacamos a Leitura como sendo uma das principais, que interliga o homem à cultura letrada.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) prega que a leitura é sem dúvida um objeto de ensino e para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder os objetivos de realização imediata. Como se trata de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la. Trabalhando com a diversidade de textos e de combinações entre eles.

Ressalta-se que um dos grandes desafios intrínsecos, a este assunto, é encontrar estratégias adequadas para trabalhar a leitura e assim prover uma evolução nos processos de aprendizagem.

Com o grau de dificuldade da leitura na minoria dos alunos encontrada na sala de aula, sentimos as dificuldades enfrentadas pelo aluno para desenvolver as atividades dentro do processo de leitura. Logo, a proposta desta pesquisa é fornecer condições favoráveis para a prática de leitura, que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e mais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura.

A escola é sem dúvida um fator fundamental na aquisição do hábito da leitura e formação do leitor, pois, mesmo com suas limitações, é o espaço destinado ao aprendizado da leitura.

De acordo com Martins (1994, p.30-31), a leitura pode ser denominada como sendo um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas que se dá a conhecer através de várias linguagens. Logo, a leitura não se limita apenas à decifração e decodificação de sinais gráficos. É muito mais que isso: exige do indivíduo uma participação efetiva, levando-o a construção do conhecimento. Assim sendo, aprender a ler a ser não só um processo cognitivo, mas também uma atividade social e cultural essencial para a criação de vínculos entre cultura e conhecimento.

A leitura não se restringe apenas na decodificação de símbolos, mas abrange uma série de táticas que permitem o sujeito compreenderem o que lê. Nesse segmento, os PCN's (2001, p.54) descrevem:

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade.

Para Cagliari (1999, p.15), “a atividade mais importante que serve de âncora para as demais desenvolvidas na escola é a leitura, pelo fato da ligação da mesma com tudo que é ensinado no espaço escolar”. Cagliari (1999, p.19) retrata muito da leitura pelo prazer de ler. Segundo ele, “a criança que se preocupa pela leitura consegue resolver uma série de dificuldades enfrentadas em sala de aula”.

Vale ressaltar, que a função da escola não é apenas de ensinar ler a palavra, a frase, o texto, mas proporcionar à criança uma relação diária com a leitura, levando a fazer o uso dessa leitura em suas práticas sociais.

Cagliari (2004, p.20) reforça que ninguém lê sem um motivo; a criança principalmente precisa de motivação para o exercício desses atos. Nem todos veem sentido para a leitura, pois essa pretensão depende também do contexto socioeconômico e cultural no qual o aluno está inserido.

Portanto, o jovem e a criança carecem ser seduzidos para a leitura, desconsiderando neste processo qualquer insídia que possa tornar a leitura uma

obrigação. Martins (1989) chama a atenção para o contato sensorial com o trabalho, pois antes de ser um texto escrito, um trabalho, é um objeto; tem forma, cor, textura.

Considerando a complexidade da alfabetização e letramento nas séries iniciais, vale ressaltar que a leitura é uma atividade fundamental para o desenvolvimento e formação de qualquer indivíduo dentro e fora da escola e por toda a vida. O domínio ou não da leitura promoverá ou não o crescimento intelectual do indivíduo.

A criança pode utilizar recursos da língua escrita em momentos de fala, mesmo antes de ser alfabetizada. Esse aprendizado se dá a partir da convivência dos indivíduos (crianças/adultos, crianças/crianças), com materiais escritos disponíveis - livros, revistas, cartazes, rótulos de embalagens, entre outros -, e com as práticas de leitura e de escrita da sociedade em que se inscrevem. Esse processo acontece pela mediação de uma pessoa mais experiente através dos bens materiais e simbólicos criados em sociedade.

O nível de letramento é determinado pela variedade de gêneros de textos escritos que a criança ou adulto reconhece. A criança que vive em um ambiente em que se leem livros, jornais, revistas, bulas de remédios, enfim, e qualquer outro tipo de literatura (ou, em que se conversa sobre o que se leu, ou mesmo, em que uns leem para os outros em voz alta, leem para a criança enriquecendo com gestos e ilustrações), o nível de letramento será superior ao de uma criança cujos pais não são alfabetizados e não teve o privilégio de conviver com pessoas que pudessem favorecer este contato com o mundo letrado.

O processo de descoberta do código escrito pela criança letrada é mediado pelas significações que os diversos tipos de discursos têm para ela, ampliando seu campo de leitura através da alfabetização. Antigamente, acreditava-se que a criança era iniciada no mundo da leitura somente ao ser alfabetizada, pensamento este ultrapassado pela concepção de letramento, que leva em conta toda a experiência que a criança tem com leitura, antes mesmo de ser capaz de ler os signos escritos. Atualmente, não se considera mais como alfabetizado quem apenas consegue ler e escrever seu nome, mas quem sabe escrever um bilhete simples. Portanto, letramento decorre das práticas sociais que leituras e escritas exigem em diferentes contextos que envolvem a compreensão e expressão lógica e verbal. É a função social da escrita. Enquanto que a alfabetização se refere ao desenvolvimento de habilidades da leitura e escrita.

Os sujeitos da pesquisa foram os professores que lecionam no Quarto ano do Ensino Fundamental I da Escola Estadual do Ensino Fundamental Professor Cardoso.

Os dados foram obtidos através de um questionário aplicado com os professores e equipe pedagógica da Escola Estadual do Ensino Fundamental Professor Cardoso, Avenida São Sebastião – Centro, Alagoa Nova- PB, que juntos a escola oferecerá estratégias de leituras diferenciadas em outro horário para que estes alunos que não sabem ler possam chegar ao objetivo de aprender a ler, já que este trabalho da prática de leitura dê continuidade nas próximas séries por novos professores, sabendo que é uma temática discutida por todos.

Esta monografia está organizada em partes onde, primeiro, apresenta uma fundamentação em torno da prática de leitura. Na segunda parte aborda a pesquisa com a sua metodologia e os achados. E por último faz-se uma síntese dos achados que a pesquisa ajudou a revelar.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1.1 O SURGIMENTO DE UMA PRÁTICA DA LEITURA

A leitura como um grande instrumento facilitador da aprendizagem precisa ganhar lugar de destaque nas escolas. Os anos iniciais escolares deixam marcas profundas nos alunos.

Segundo Freire (2009) em “A importância do ato de ler” ao trabalhar a temática da leitura, discutindo sua importância, aplica a compreensão crítica de alfabetização. Reforçando que a alfabetização demanda esforço no sentido de compreensão da palavra escrita, da linguagem, das relações do contexto de quem fala, lê e escreve a relação entre a leitura do mundo e a leitura da palavra.

É preciso uma maior conscientização por parte dos educadores em relação ao ensino de leitura. Alguns tentam e conseguem encontrar o caminho certo. Já outros cruzam os braços por acharem sua prática correta sem se preocupar em buscar alternativas de trabalho.

Para Cagliari (1999) a atividade mais importante que serve de âncora para as outras atividades desenvolvidas na escola é a leitura, pelo fato da ligação da mesma com tudo que é ensinado no espaço escolar.

Cagliari (1999, p.10), fala muito da leitura pelo prazer de ler. Segundo ele a criança que se interessa pela leitura consegue resolver uma série de dificuldades enfrentadas em sala de aula.

Então, precisamos considerar que a função da escola não é apenas de ensinar a ler a palavra, o texto, a frase, mas proporcionar um contato diário com a leitura, levando o aluno a fazer o uso dessa leitura em suas práticas sociais.

Pelo exposto, entendemos que ler não é caminhar é um voar sobre as palavras. Ler é escrever o que estamos lendo e perceber a conexão entre o texto e o contexto e como este vincula-se com o contexto.

De acordo com Freire (1988, p.9) que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a

ser alcançada por sua leitura crítica favorece a percepção das relações entre o texto e o contexto.” Destaca a primeira importância da experiência existencial, a leitura do mundo, na compreensão do ato de ler o mundo particular que se move a criança. De fato, a primeira leitura que a criança aprende a fazer é a das relações familiares, onde ler é uma gratificação, a promessa e a ameaça.

Compreendemos que a leitura é atribuída a um valor positivo como detentora de benefícios óbvios e indispensáveis ao aluno e a sociedade como uma forma de lazer e prazer de aquisição e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação.

A aprendizagem da leitura e da escrita se inicia desde o nascimento da criança com articulações de sons até a fase adulta, em que a um verdadeiro aperfeiçoamento técnico. A linguagem oral e escrita revela-se imprescindível ao processo de comunicação, tratando-se de questões a serem trabalhadas na fase infantil durante seu processo de construção de conhecimento.

De acordo com o pensamento expresso Freire (2003, p.23) enfoca que “a leitura é importante no sentido de oferecer ao homem à compreensão do mundo e através dessa relação que é possível a descoberta da realidade sobre a vida.”

Observa-se que é na infância que a leitura propaga um mundo particular da criança, dando significado as coisas que estão em sua volta. Portanto, o processo de alfabetização de uma tarefa criadora se dá no momento que homem aprende as coisas que se expressam em seu mundo. Nesse contexto, enfoca Freire (1987, p.17):

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra... a leitura do mundo e a leitura da palavra está dominantemente juntos. O mundo da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e temas significativos.

O auto acima entende que a leitura não é uma mera decifração de sinais, letras e palavras. Ela vai além do que está escrito no papel ou em qualquer outro veículo de comunicação.

O ato de ler deve ser considerado desde a infância, indo à adolescência e mantido pelo resto da vida, pois esta prática se consolida a partir do momento em que a leitura torna leitores pelas mãos, e levam a conhecer um mundo da imaginação.

Então, quem não ler só visualiza uma parte das coisas do mundo. Muitas vezes ouvimos falar em uma pessoa, uma historia que o amigo conhece através da leitura, sendo assim quem não leu fica de fora sem saber o que dizer.

Dessa forma, percebe-se a importância de saber do que está não só a nossa volta, mas também de saber do que está dentro dos livros. Para Freire (1987, p.17), ler consiste em fazer a leitura do mundo.

A escola não pode contentar-se com uma leitura mecânica, mas deve comprometer-se com uma leitura abrangente, crítica, inventiva. Estando, assim, ensinando aos alunos a usar a leitura e os livros para viver melhor. Não apenas em sua vida escolar, mas também fora da escola, pois afinal, a escola e o professor são os responsáveis pela iniciação de seus alunos nos caminhos da leitura, para que sejam aperfeiçoados o seu senso crítico como indivíduo ativo na sociedade em que vivem.

Na aprendizagem de leitura sempre se apresenta aos alunos como algo mágico, enquanto no seu processo de descoberta é maravilhoso. Freire (1987, p.10) afirma que “ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão ligados pelo mundo.” Ou seja, o ato de educar e de se ensinar a ler em um pacto entre educador e aluno.

É de importância que a Escola Estadual Professor Cardoso abra um espaço para que os professores e equipe pedagógica incentivem aos alunos o ato de ler, visando o aumento do vocabulário as ideias, a desinibição, a construção de uma fala desenvolta e ficarem mais próximos dos conhecimentos sociais.

Segundo Freire (1987, p.80) “O processo de aprendizagem na alfabetização esta envolvida na pratica de ler, interpretar o que lêem, escreve e de contar, aumentando assim os conhecimentos que já existem e de conhecer o que não conhece para melhor interpretação do que acontece em nossa realidade tornando o aluno a mola mestra do ensino aprendizagem.” Freire (1987, p. 85) também afirma que:

Compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

O professor é uma componente de suma importância na formação dos alunos para o mundo da leitura. É um grande formador de opinião e devido a essa

competência, ele pode inserir conceitos de leitura e aprendizado diário em sala de aula. É nesses espaços que esboça um bom lugar para estabelecer uma consciência acerca da importância de ler. O educador proporcionará momentos de encanto e gosto com atividades que despertem interesse e o envolvimento dos alunos pela leitura.

Os professores têm em suas mãos uma valiosa ferramenta que possibilitará o desenvolvimento crítico e intelectual de seus alunos. Mas, para que isso ocorra, é preciso fornecer condições para que este aluno desenvolva hábitos de leitura espontânea.

(...) o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador, anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. (FREIRE, 1987, p.15)

Portanto, o professor pode agir desenvolvendo ao decorrer de suas aulas, leituras compartilhadas e leituras livres. A leitura é uma ferramenta facilitadora da aprendizagem e precisa ganhar lugar de destaque nas escolas.

É possível apreender articulações entre esses diferentes modos de abordar e lidar com o fenômeno da leitura e da escrita. A principal delas reside no pressuposto de Darnton (1990, p.172), de que “a leitura tem uma história”: é uma atividade humana e, como tal, criativa e variável, e constituída em torno de um conjunto de condições sociais.

Alguns relatos históricos e arqueológicos afirmam que foi na Babilônia que tudo se iniciou o surgimento da leitura. Atualmente, o que só restam dessa cidade são ruínas na região Mesopotâmica do Egito.

O seu povo foi o percussor de muitos avanços da civilização como, por exemplo, a agricultura, arquitetura, comércio, astronomia, direito, escrita. Surgiram assim as primeiras inscrições do que viria a consumir o nascimento de uma prática revolucionária - a leitura.

Conforme Manguel (1997, p.206) por questões econômicas, “ali (...), têm afirmado os arqueólogos, começou a pré-história do livro”. Em tabuletas de argila, com caracteres mnemônicos, iniciava a escrita para sinalizar o tipo de comercialização estabelecida entre os comerciantes.

A partir do pressuposto que a escrita exige um leitor é que surge alguns dos fatores referentes à leitura de maior contato imediato: escrita, autor, leitor, função e

prática social, conferindo-lhe, assim, um caráter modificador de interação social. Ademais, sabe-se que a capacidade de armazenamento de informações é limitada no cérebro e a recuperação de dados pela escrita através da leitura permite a memorização de informações sem a necessidade da presença do autor.

Nesse sentido, a leitura passou por vários caminhos. Inicialmente, cumpria seu papel por meio da oralidade; após, houve a invenção da leitura silenciosa na Grécia Antiga; e, hoje, articula-se com os mais variados processos de circulação, especialmente, com a mídia eletrônica, segundo Cavallo e Chartier (1998).

## 1.2 A LEITURA NO BRASIL: UMA PRÁTICA POUCO COMUM.

Para falar em leitura no Brasil, muitos autores são lembrados, dentre eles estão Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1991). Por isso, a fim de delinear um perfil da leitura no país, tem-se por base as produções das autoras *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil* e *Literatura: leitores & leitura*.

Em *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil*, já se tem um cenário com observações não muito agradáveis sobre a leitura no Brasil. Apontada pelas autoras como “periférica e dependente”. Isso se deve ao fato de o Brasil ter sido ocupado no século XVI, época marcada pelo mercantilismo, por isso sua busca em integrar-se no capitalismo, decorrente da revolução francesa, é constante, nunca revogada. Tal episódio impede a atualização da sociedade e parte disso se cogita na leitura, pondo o sistema literário numa circunstância desvantajosa em que “a cada parcela de sua trajetória, ele parece refluir, recuando para momentos anteriores do projeto de modernização e tornando assim – mesmo que involuntariamente – recorrentes as iniciativas de modernização, sempre recomeçadas e inconclusas” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p.8)

Logo, nessa visão, a literatura parece decretar horizontes capitalistas, dado que surgiu em contextos burgueses e precisa, assim, seguir a modernização desenvolvida nesse âmbito.

Primeiramente, a produção literária do Brasil se deteve na acepção da paisagem e dos povos nativos que viviam o mundo novo. Posteriormente, a concepção educativa do

país se volta para a catequização dos índios pelos jesuítas. Entretanto, os padres sofriam e enfrentavam muitos obstáculos que desafiavam seu trabalho, como doenças, péssimas acomodações, perigos com os animais selvagens. Vale ressaltar, que havia necessidades de todas as formas, principalmente econômica, para poder amparar a instituição de ensino. Insuficiente era a atenção dispensada ao ensino indígena. E em contrapartida, surgia a preocupação com a educação dos filhos dos colonizadores brancos, que almejavam dominar a comercialização e expandir a cultura do açúcar e dos veios auríferos, já que:

(...) inexistia um sistema escolar exclusivo para eles, que ou assistiam às lições dos jesuítas ou permaneciam analfabetos, aprendendo eventualmente a ler, escrever e contar com particulares. O processo, neste caso, dissociou-se do que acontecia na Europa, onde o ensino se expandia e coletivizava, assumindo as feições que até hoje o caracterizam (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p.28).

Ao passar dos tempos, em meio a tantas desventuras, procuraram algumas alternativas para atualizar o sistema de ensino. Contudo, muitos enfrentavam dificuldades, como a ignorância e a falta de interesse pelos livros, o que atrasava o intelectual português. Segundo Lajolo e Zilberman Melo Franco e Silva Alvarenga buscou modernizar o ensino, unindo literatura e educação, tornando-o, assim, mais próximo dos padrões burgueses. Mas, sua proposta falhou com o movimento político de D. José I.

As autoras expõem que o Brasil sofria com a falta de escolas, bibliotecas e gráficas. Logo, os escritores se sentiam poucos privilegiados e desmotivados em função de não haver companhia intelectual. A produção brasileira mais próxima de um *best-seller*, no século XVIII, foi à obra *Compêndio Narrativo*, de Nuno Marques Pereira, o qual mostra a preocupação com o público e com questões financeiras ao negociar com seus patrocinadores sobre a impressão da obra. Sua atitude “caracterizava a sociedade burguesa ocidental” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p.65), porém, sua ação permaneceu somente num estado inicial de intenção burguesa.

No Arcadismo, os poetas tinham um olhar distinguido para a leitura como, por exemplo, na poesia de Gonzaga e contemporâneos. Autor e leitor se relacionavam por meio da leitura. Segundo (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p.86), “Inaugurou-se, assim, outra concepção de literatura e leitura, que as viu integradas à existência cotidiana, impregnadas de significado pessoal e vinculadas ao âmbito dos sentimentos”. Com a criação da Imprensa Nacional, *Marília de Dirceu* foi um dos primeiros títulos editáveis.

No século XIX, o público leitor do Brasil começou a reagir e interagir, apresentando anônimos leitores de folhetim, frequentadores de teatros, intelectuais, homens de Letras, estudantes, jornalistas e sinhás-moças. A partir dos anos 40, a leitura brasileira teve um avanço e maior constância com o surgimento do romance. Tendo em vista, que nem tudo eram flores. Machado de Assis criticou esse novo contexto ao afirmar que a leitura esbarrava na impressão, por ser muito cara, e também havia falta de senso estético dos escritores, muito embora houvesse o reconhecimento de escritores externos como Ferdiand Denis, Garrett, Sismond das produções brasileiras (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p.90).

De acordo com as prerrogativas de Machado de Assis, Lajolo e Zilberman (1991) afirmam que, nesse período, a obra *A moreninha*, famosa no Romantismo, “dá a perceber ao leitor a superficialidade da leitura enquanto prática social e da literatura enquanto instituição cultural” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p.106), mostrando assim a falta de aprofundamento estético e crítico das obras da época. Contribuía para este cenário a problemática do ensino, que dificultava o gosto pela leitura, como reportado em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, citada pelas autoras, em que a personagem principal relembra com decepção do período escolar.

Nesse período, apareceram vários centros de valorização da cultura, como o Ginásio Científico-Literário Brasileiro, o Grêmio Literário Português e outros:

Associações, clubes, gabinetes de leitura e similares não são iniciativas isoladas. Integram, no seu conjunto, o movimento em direção a uma cultura letrada, que precisa tanto viabilizar-se, quanto visibilizar-se. Por isso, sociedades, institutos e bibliotecas constituem uma rede; e é seu trançado, onde se repetem nomes e redundam objetivos, que fortalece leitura e escrita enquanto práticas sociais. Dentre essas instituições, uma se destaca: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que, seja por sua longevidade, seja pela pluralidade de seus interesses, é expressivo do percurso e da importância de tais órgãos no cenário cultural brasileiro. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p.139).

O assunto da leitura no Brasil também é discutido em *Literatura: Leitores & Leitura*, envolvendo literatura e leitores, agora já no século XIX. Neste século, os leitores e autores já não eram mais tão tolos, sobretudo os leitores que ficavam saturados dos temas repetitivos. Deste modo, os autores menos conformados ironizavam em suas escritas, como é o caso de Machado de Assis, retratado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: “Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu,

e a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direto à narração” (LAJOLO, 2001, p.90).

Já no século XX, a literatura no Brasil “é plural, recortada em história que falam diferentes línguas. Que falam por diferentes vozes, repartidas, por diferentes códigos e linguagens, unificados todos na linguagem literária” (LAJOLO, 2001, p.107).

No século XXI o contexto difere e a leitura admitiu variadas formas. Assim, há muitas discursões acerca dos contrastes em definir o que é e o que não é literatura, bem como o que é uma boa leitura e o que não é. Nessa direção, a leitura está presente em “livrões e livrinhos, livros e revistas, *fanzines* e *homepages*, *sites* e hipertextos, CD-ROMs, panfletos, jornais, fitas, CDs e DVDs, (...) música e cantar, (...) novelas” (LAJOLO, 2001, p.122).

Dessa forma, Lajolo (2001, p.30) afirma:

Saber ler e escrever, além de fundamental para o exercício de graus mais complexos de cidadania, constitui marca de distinção e de superioridade em nossa tradição cultural. Tanto para indivíduos quanto para coletividades. Povos sem escrita costumam ser considerados inferiores, sem história, bárbaros. Talvez por isso tenha tanto prestígio com um conceito de literatura que a articula tão estreitamente a manifestações escritas.

### 1.3 – CONCEPÇÕES DE LEITURA

A leitura é uma ferramenta principal nas múltiplas dimensões de saber interpretar o que se ler, portanto, convém descrever que vivemos em uma sociedade repleta de palavras e mensagens, porém, se o leitor não conseguir entender a essência dessas mensagens, terá dificuldades para compreender o mundo que o cerca.

A importância da leitura na nossa vida, a necessidade de se adquirir o hábito de leitura entre crianças e jovens, bem como o papel da escola na formação de leitores competentes, são questões frequentemente discutidas.

De acordo com Freire (1988, p.9) essa temática afirma:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Esse entendimento de leitura de mundo nos mostra que para desenvolver a capacidade de compreender um texto, faz-se necessário uma procura constante da prática da leitura em sua vida diária tanto no espaço escolar quanto fora da escola.

Coelho destaca que: “Essa concepção de leitura nos leva a uma abordagem teórica que tem como pressuposto uma concepção de linguagem enquanto espaço de constituição de sujeito, ser histórico – social.” Pode-se fazer referência, de acordo com essa ideia, que há várias maneiras de se compreender o que seja leitura.

Cagliari (2005, p.150) diz o seguinte, “a leitura é considerada como uma decifração e uma codificação. O leitor deveria primeiramente, decifrar a escrita, logo após decodificar todas as implicações que há no texto e, finalmente, refletir sobre todo o processo, para então formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu.”

Por outro lado acrescentam Rodrigues e Tomitch (2004, p.54) que “Ler é extrair a pronúncia que corresponde a uma representação gráfica da linguagem falada.” De tal modo, o aprendiz é capaz de se submergir e compreender o sentido do texto que esta sendo lido.

Segundo o pensamento de Foucault (1999, p. 5) ler significa ser questionado pelo mundo e por si, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. Assim, fica claro que a leitura é atribuição voluntária de um significado à escrita.

Para Smith (Apud AMARILHA 2000, p.150) argumenta que “a leitura jamais pode ser separada das finalidades, conhecimento prévio e emoção do leitor, nem da natureza do texto lido.” Levando em consideração que o professor é facilitador para esse mundo da leitura, pois ler é bom e faz-nos ter conhecimento do saber.

Já Solé (2008, p.20) é decisiva ao afirmar que a leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. A autora adverte ainda que nessa concepção intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos do texto com os conhecimentos prévios do leitor-aluno.

Pode-se explicar que as pessoas que já incorporam o hábito de ler têm condições intelectuais para ver o mundo de outra forma, e são capazes de imaginar avanços científicos e tecnológicos na sociedade atual.

E Cagliari (2005, p.19) acrescenta que “ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só fonéticos, semânticos culturais, mas ideológicos e filosóficos”. Por isso, ao adentrar no mundo da leitura e trabalhando suas práticas, o professor desperta nos alunos a criatividade, a imaginação e possibilita o entendimento do mundo a sua volta como expressa as informações registradas mediante respaldos teóricos e práticos.

De acordo com os autores mencionados, Solé e Cagliari, é através da leitura que compreendemos o que escrevemos e ao mesmo tempo é uma atividade complexa, pois depende de fatores para atender a necessidade da prática de leitura.

A escola é sem dúvida um fator fundamental na aquisição no hábito da leitura e formação do leitor, pois mesmo com suas limitações, é o espaço destinado ao aprendizado da leitura. Por sua vez, tem consciência teórica de seu papel na formação leitora, pois os dados pedagógicos garantem esse procedimento nas escolas do ensino fundamental.

O Currículo Básico do Ensino Fundamental de Cascavel ressalta que:

Ler não significa apenas a aquisição de um “instrumento” para a futura obtenção de conhecimentos, mas uma forma de pensamento, um processo de produção do saber, um meio de interação social com o mundo (Cascavel, 2007, p.35).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a concepção de leitura apresentada é uma variante da interacionista e tem seus fundamentos fundeados na psicologia cognitiva, na psicolinguística e na sociolinguística. Na definição de leitura encontrada nos PCN, é possível constatar essa semelhança:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre linguagem, etc. [...] Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência [...].(BRASIL, 2001, p.53)

Tendo em vista tudo o que foi exposto, adotamos que a leitura é um processo de influência mútua entre autor, leitor e texto, na busca de alcançar os objetivos que conduzem a leitura. O leitor é ativo, pois processa e analisa o texto, sempre norteado por objetivos e/ou finalidades, influenciando a interpretação que realiza dos textos que lê.

#### 1.4 A LEITURA NA ESCOLA INDISPENSÁVEL PARA FORMAR UM LEITOR CIDADÃO.

Os desafios enfrentados na prática escolar são diversos, entre os quais, o domínio da leitura numa perspectiva de letramento. Pennac (1997, p.10) enfoca que “não há melhor maneira de abrir o apetite de um leitor do que lhe dar a farejar uma orgia de leitura.” De acordo com este pensamento, o professor precisa gerar oportunidades e situações que permitam ao aprendiz fazer escolhas de suas leituras, para que possa ter o prazer pelo ato de ler e que amplie sua autonomia enquanto leitor.

Várias são as questões que submergem a prática da leitura na escola, a forma como ela é exibida e, em especial, o espaço educacional não adequado que também dependem do econômico. Nesse enfoque, citamos Foucambert (1997, p.19) que faz-nos refletir que “A escola não estaria mais cumprindo corretamente sua missão.” Para dar sentido à prática leitora, é primordial que o professor redimensione suas ações na prática diária, procurando assim melhoras para colaborar na formação do leitor.

Os professores trazem a responsabilidade de cooperar para uma formação discente eficaz. E essa formação proporciona troca de conhecimentos e saberes entre professor e aluno.

Goés (1991, p.27) afirma que o contato com a leitura “[...] deve ter início desde cedo, pois o indivíduo que lê acelera o seu grau de entendimento do mundo em sua volta, imagina, aprende e escreve melhor.” Para Magnani (1989, p.27), “a leitura da palavra escrita pressupõe a alfabetização, o que em nossa sociedade e cultura livresca, se dá no âmbito escolar.”

Vale ressaltar que é indispensável que o currículo da formação inicial dos professores e os estágios de formação contínua dediquem espaços significativos a essa informação. Segundo Smith (1991, p. 16), “quanto mais lemos, mais somos capazes de ler.” Este autor acrescenta que é a experiência na leitura que permite um aprofundamento amplo referente à própria leitura.

É possível, assim, reconhecer que há exigências, atualmente, bem maiores para com os professores do Ensino Fundamental, visto que estes precisam elevar seu desempenho, para que sua reflexão possa aparecer na prática. Foucambert (1999, p. 10) ressalta:

Estágios para treinamentos e aperfeiçoamento da leitura permitirão que os professores entendam melhor os processos envolvidos nela e no seu aprendizado; com base nessa sua prática de leitura, eles poderão escolher as melhores intervenções de ensino junto às crianças.

Logo, o docente, precisa está entrelaçado na dinâmica pela busca de mudanças que proporcione a si mesmo o aprimoramento intelectual, permitindo a estes o redimensionamento no que se refere ao uso de estratégias apropriadas ao ensino e leitura.

A interação entre professor e aluno é de extrema necessidade, pois nesse diálogo muitos pontos que ficaram obscuros são explanados na construção conjunta da compreensão. Terzi (2002, p.40) reforça que “A leitura, por sua vez, vai além da

interação, constituindo-se, também, num processo individual de compreensão, predominantemente de palavras e, do ponto de vista estratégico.”

Como pode ser notado, o ensino da leitura é fundamental para o desenvolvimento intelectual e crítico do aluno e deve ser trabalhado de maneira prazerosa na escola. E para que isso ocorra, faz-se necessário um profissional que tenha exercício de leitura constante para que efetivamente o aluno possa tornar um leitor crítico e ativo.

## 1.5 BIBLIOTECA: UM LUGAR PARA LER

A história da biblioteca precede o surgimento do material escrito, ou seja, do livro, descobrindo abrigo no momento em que a humanidade começa a dominar a escrita. As chamadas mineiras foram às primeiras bibliotecas que podemos citar, sendo assim denominada, pois o acervo era constituído de argila. Ao passar os tempos, surgem às bibliotecas vegetais e animais, construídas de roas de papiros e pergaminhos, estas são dos povos Babilônios, Assírios, Egípcios, Persas, e Chineses. Com o surgimento do papel fabricado pelos árabes, formou-se a escrita em papel que após sofisticou-se com a imprensa.

Inicialmente as bibliotecas eram em sua maioria particulares, e que só quem possuíam eram as classes mais privilegiadas em sua minoria.

A chegada da família real no Brasil veio à biblioteca real, em 20 de maio de 1986 onde foi publicada a resolução número 369 que criava a primeira biblioteca municipal brasileira.

Passando-se o tempo às bibliotecas foram disseminadas e popularizadas por força da obrigatoriedade nos espaços escolares com a lei nº 12.244, aplicada desde 2010, determinado no Art.10 que “as instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do país contarão com bibliotecas, nos termos desta lei.” Tal perspectiva é reforçada no parágrafo único dessa lei que preceitua a obrigatoriedade de um acervo de livros de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado em suas escolas públicas ou privadas.

Portanto, a biblioteca é um bem patrimonial proposto às instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do país para divulgação do saber da

humanidade, construído sócio historicamente as novas gerações. O objetivo das bibliotecas escolares surge de maneira eficaz na realização do programa escolar, dando apoio aos alunos, onde estes tivessem locais apropriados para a realização de pesquisas, bem como estimular, incentivar e orientar os mesmos em todas as fases da leitura.

Apesar da existência dessa lei acima citada, ainda existe uma realidade onde muitas escolas não possuem bibliotecas, ou quando possuem os livros são como um objeto proibido, intocável, geralmente de amostras nas estantes sem que os alunos possam foliar para não serem danificados. As pessoas responsáveis pela formação da biblioteca nem sempre são formadas para exercerem tal cargo o que deixa ainda mais precário o ambiente da biblioteca.

Em muitas escolas as bibliotecas são verdadeiros depósitos de livros empoeirados com livros antigos que não são atuais, um ambiente ameaçador, onde muitos dirigentes das escolas, sobretudo gestores e professores, põem alunos de castigos para realizar leituras aleatórias e sem objetivos a vida escolar ou pessoal. A biblioteca na escola, assim, acaba sendo um ambiente sem estímulo e orientação a leitura entre alunos e professores.

Com os avanços técnico-científicos na sociedade da informação e da comunicação advindos no decorrer da evolução da humanidade, um dos principais aspectos da biblioteca é que tenha uma quantidade menor de acervos, pois com o avanço tecnológico é possível encontrar bibliotecas vinculadas em CD-ROM, multimídia, entre outros mecanismos de armazenamentos eletrônicos.

Embora uma das funções da biblioteca seja o de conservar o bem patrimonial do conhecimento humano e destinar-se a estudos e pesquisas, atualmente se torna um lugar nas escolas pouco frequentado, onde a maioria das pessoas recorre à internet para realizar pesquisas. Desse modo, a biblioteca, apesar de que hoje se tenha esquecido este ponto fundamental, orienta e incentiva a leitura com diversos livros infantis e de diferentes gêneros textuais.

## **2. A PESQUISA: A METODOLOGIA, O CAMPO E OS ACHADOS.**

### **2.1 METODOLOGIA**

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual do Ensino Fundamental Professor Cardoso, com quatro professores e que foram selecionados de acordo com as séries iniciais que lecionam, os professores selecionados foram de alfabetização, primeiro, segundo e quarto ano, e percebem que os seus alunos estão com dificuldades na leitura, visto que eles durante o processo de alfabetização não conseguiram ler, isso representa um número maior de alunos que não sabem ler.

Diante desse quadro os professores, supervisores e coordenadores preocupados com essa realidade dentro da sala de aula, no cotidiano escolar, descrevem a falta do domínio da leitura que esta prejudicando as atividades de aprendizagem.

Segundo Serrano (1998), centrado no posicionamento sobre a temática em questão considerando o aspecto de que a pesquisa de caráter qualitativo é muito ampla e que nela cabe uma variedade de métodos. Entre eles podemos citar: o método da investigação descritiva qualitativa dentro o tema abordado com o questionário aplicado aos professores e equipe pedagógica.

### **2.2 O CAMPO INVESTIGADO**

A Escola Estadual do Ensino Fundamental Professor Cardoso- CEPES, situada á Avenida São Sebastião, número: 266, centro, de Alagoa Nova, Paraíba, foi inaugurada no dia 16 de Agosto de 1945 durante a gestão do governador Dr. Rui Carneiro. Seu nome foi originário de uma homenagem realizada pelo governador ao seu ex-professor Cardoso, natural do estado de Sergipe.

A primeira gestora desta conceituada escola foi Anita Colaço. Atualmente, esta sob a gestão das professoras Dewanil Nere Costa e Ana Verônica Pereira Sales. A referida instituição faz parte da rede Estadual de Ensino.

Sua área construída e de 1.395,35 m<sup>2</sup>, distribuída em dez salas de aulas, secretária, auditório, biblioteca escolar, banheiros feminino e masculino, sala de computação e jardim. Com capacidade de atender mil alunos, mas atualmente atendemos uma população de oitocentos e quarenta e cinco alunos subdividem da

seguinte forma: Manhã e tarde constituída elo ensino fundamental I e II, composto por crianças e adolescentes. O turno noite dedicado a “Escola integrada dos noturnos”, hoje EJA (Educação de Jovens e Adultos), Projovem Urbano, atendendo alunos com idade de dezoito á vinte e nove anos agregando qualificação profissional e o PBVEST, preparando os jovens da cidade e cidade vizinhas para vestibulares e concurso com aula aos sábados.

Contam com os programas: Primeiros saberes da infância, Escola aberta, Mais educação. Possui um quadro de professores quase todos graduados para atender as necessidades dos alunos da zona rural e urbana.

Dispõe do apoio pedagógico de professores, coordenadores, psicólogos, desenvolvendo um trabalho pedagógico de conceito a comunidade.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado pelo Inep em 2007 e representa a iniciativa pioneira de reunir num só indicador. Agregando a abordagem pedagógica dos resultados das avaliações e possibilitando resultados sintéticos que permite traçar metas de qualidade educacional para os sistemas. O indicador é calculado a partir dos dados da aprovação escolar da prova Brasil na referida Escola Estadual do Ensino Fundamental Professor Cardoso, localizada na cidade de Alagoa Nova- PB, onde o desempenho na avaliação do Ano de 2011 foi realizado pela Prova Brasil obtendo um desempenho de 4,83 na média, de acordo com a colocação do Ideb a escola ficou em terceiro lugar na Paraíba e obtendo um bom conceito dentro do município.

### 2.3 OS ACHADOS E SUA INTERPRETAÇÃO

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual do Ensino Fundamental Professor Cardoso, com quatro professoresselecionados por series de primeiro, segundo e quarto ano do Ensino Fundamental, e que percebem que os seus alunos estão com dificuldades na leitura, visto que eles durante o processo de alfabetização não conseguiram ler, isso representa um número de alunos elevado que não sabem ler. Diante desse quadro, professores, supervisores e coordenadores preocupados com essa realidade dentro da

sala de aula, no cotidiano escolar, obtidos descrevem a falta do domínio da leitura que esta prejudicando as atividades de aprendizagem.

As respostas constantes nos questionários aplicados com professores e equipe pedagógica formada por uma coordenadora e psicóloga das séries iniciais do Ensino Fundamental da Escola Professor Cardoso referentes aos alunos que não sabem ler, dentro do quarto ano das séries iniciais, demonstram o quanto é difícil fazer relatos dos alunos que se encontram nesse nível de leitura, pois sabendo que o ensino aprendizagem realiza-se com a interação entre professores, família e escola, como um todo.

Um das professoras afirmou que a melhor fase para o aluno descobrir a leitura é de quatro a oito anos de idade, é nessa idade que o aluno começa a desenvolver o seu processo de leitura no meio social e cultural. ZILBERMAN (1985, p. 16) afirma:

A alfabetização, portanto, carrega consigo dois movimentos paralelos, e como a escola, detona possibilidades múltiplas de ação, que se estendem de uma meta emancipatória, rumo à afirmação de uma postura autônoma do indivíduo (e sendo igualmente a consagração deste individualismo), ao exercício de uma dominação, quando manipulada, de modo ostensivo, pelo adulto ou por um grupo social, visando à perenização de seu domínio. Todavia, é ela que conduz ao ato de ler e, sendo este a conquista mais importante da ação da escola nos primeiros anos, pode representar também a condição de rompimento do círculo ideológico a que seguidamente o sistema pedagógico condena.

De acordo com a segunda professora pesquisada esta chama atenção para uma alternativa de enfrentamento da realidade dos alunos que apresentam dificuldades na leitura. Segundo ela “mediante aos alunos que não sabem ler, não apresentam condições de entender e produzir textos sozinhos, mas se esses conteúdos forem trabalhados oralmente, de forma coletiva, esse aluno poderá interagir e ampliar seus conhecimentos.” Conforme Freire (1987, p.85):

Compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Segundo a equipe pedagógica a escola dispõe de dois programas que ajudam o aluno a desenvolver a leitura e a escrita, em horários alternados, com os programas que a escola oferece, como: Revisitando os saberes e o Mais educação, que muito vem colaborando com o desenvolvimento intelectual do aluno.

Afirma a professora “a união entre família e escola é de suma importância para o crescimento intelectual e profissional do aluno, sendo a escola a colaboradora direta junto aos programas nela existentes.”

De acordo com a Psicóloga da escola ressalta que “infelizmente, um dos grandes problemas dos alunos que chegam sem saber ler durante as séries iniciais não é um fato isolado, mas que acontece nas demais escolas, inclusive em séries mais avançadas e os motivos ficam obscuros para serem atribuídos ou diagnosticados, pois é perceptível que hoje com a inovação na educação e implantação de vários projetos deveriam ajudar mais e facilitar este aprendizado, no entanto, não é nítido no tocante a atender um percentual mais abrangente e o problema da falta de leitura se alastra, tornando-se difícil a absorção dos demais conteúdos nas diversas disciplinas.”

De acordo com as respostas advindos dos com professores e equipe pedagógica, concordo com a posição da professora que respondeu a primeira questão em que diz que é difícil fazer relatos dos alunos que se encontra nesse nível de aprendizagem na leitura, quando afirma que a aprendizagem faz-se com a interação de escola e família. Segundo Terzi (2002, p.40) “a leitura por sua vez vai além da interação, constituindo-se também no processo individual de compreensão.”

Quanto à professora da segunda questão afirma que a melhor fase do aluno descobrir a leitura é de quatro a oito anos, em que o aluno começa a desenvolver o seu processo de leitura no meio social, concordando com a posição da professora, Goés (1991, p.27) ressalta que o contato com a leitura “[...] deve ter início desde cedo, pois o indivíduo que ler acelera o entendimento o mundo em sua volta.”

Mediante a resposta da sexta questão, a psicóloga afirma que o problema da falta de leitura não é um fato isolado. Concordando com esta realidade, percebe-se que as demais séries vêm sendo prejudicadas com o andamento da aprendizagem nas demais disciplinas. Segundo Cagliari (1999, p.15), “a atividade mais importante que serve de âncora para as demais desenvolvidas na escola é a leitura, pelo fato da ligação da mesma com tudo que é ensinado no espaço escolar.”

De acordo com o problema encontrado no cotidiano escolar não só no quarto ano, mas como em outras séries do ensino fundamental dentro da dificuldade de leitura, professores e equipes pedagógicas juntas procuram meios a serem solucionados, buscando dentro de suas práticas pedagógicas uma nova metodologia, voltada para incentivar o aluno as diferentes práticas de leitura em sala de aula, o uso da biblioteca, estimular as diversas leituras de gêneros textuais, habilitar o aluno para consulta em

bibliotecas (conhecimento de regras de funcionamento, cuidados com acervo, procedimentos para inscrição, consulta e/ou retirada de trabalhos, etc.) e proporcionar acesso de alunos das séries iniciais a novas tecnologias, como o computador, para a possibilidade de uma nova linguagem e novos conhecimentos.

O professor tem em suas mãos uma ferramenta essencial que pode facilitar o desenvolvimento pessoal e intelectual de seus alunos que é a maneira de incentivar, de trabalhar os conteúdos de leitura, interagindo sempre com o aluno. Mas, precisa dar condições para que esse aluno desenvolva hábitos de leitura que seja espontânea e prazerosa.

Então, mudanças devem ocorrer e serem atribuídas na postura do professor em relação à valorização da leitura em sala de aula se torna extremamente necessárias. Portanto, sabe-se que solucionar deficiência no processo de aprendizagem de leitura, não é uma tarefa fácil e nem de resultados imediatos, pois o processo de leitura se faz continuamente, e não apenas em uma série, mas é dever do professor das séries iniciais dar continuidade do processo de aprendizagem de leitura.

### 3 CONSIDERAÇÕES

A realização dessa pesquisa enfocando o modo dos profissionais (professores, coordenação pedagógica e psicóloga) enfrentarem o problema em torno das dificuldades de leitura do alunado da Escola Estadual do Ensino Fundamental Professor Cardoso, revelou que é necessário assumirmos uma postura reflexiva assumindo práticas mais concretas de colaboração para a aprendizagem da leitura pelo aluno em relação à mediação no processo de alfabetização, independente das condições que recebemos alunos e de suas condições subjetivas.

No que se refere às existências dos projetos e programas do tipo “Mais educação” e “Revisitando os saberes”, dando suporte no contra turno das aulas, são iniciativas importantes, porém considero que esse trabalho deveria se realizada com o professor que já trabalha com alunos, uma vez que o professor atuaria a partir das necessidades dos alunos, já conhecidas por ele.

Faz-se necessário que o professor proponha ao aluno diversas possibilidades para aprender a ler por meio de caminhos didáticos adequados a sua realidade e se torne um leitor. Neste contexto, a pesquisa teve objetivo de descrever algumas concepções teóricas dentro da prática de leitura, mas é importante que o professor tenha a consciência de como a leitura possa desempenhar na vida dos alunos.

Portanto, é um trabalho difícil mais não impossível a ser realizado, em conjunto, unidos, pode-se contribuir para o incentivo da leitura e na construção do conhecimento do aluno.

De acordo com o que já foi dito fica claro que um professor- leitor tem compromisso compartilhado na interação com o aluno, visto que o professor atua como mediador de cultura, como o aluno no processo de sua aprendizagem.

Destacando aspecto especial à leitura na escola, então, esta precisa ocupar lugar na prática em sala de aula. Ressaltamos que uma prática de leitura constante na escola pressupõe um trabalho intencional e um espaço adequado que estimule o ato de ler, uma vez que é de suma importância para a prática social.

A partir do que foi proposto que o embasamento teórico inclui de forma eficiente, embora tenhamos muito que aprender. Pois, então, faz indispensável à continuidade dos

estudos nessa área da pesquisa, visto que ensinar a ler promove o aluno na sociedade, dando acesso à cultura e conhecimento, tanto no espaço escolar como fora da escola, formando um indivíduo crítico.

Não devemos deixar de destacar que o professor precisa estar envolvido em práticas de leitura vinculada aos objetivos de textos que, de fato, estas práticas formem alunos leitores. Entretanto, a política para leitura é de responsabilidade de toda a equipe pedagógica.

Quanto ao término da discussão e reflexão a respeito do tema abordado, reconhecemos que o conhecimento apontou caminhos para repensar sobre como estamos atuando na sala de aula, pois temos como mola mestra os aprimoramentos a cada dia, dentro da qualidade do ensino da leitura. Consciente desta prática possibilita então superar as antigas práticas e concepções ainda enraizadas em nosso cotidiano.

Envolvidos nessa busca de reflexões a respeito do compromisso de repensar a prática de leitura na escola, como também a busca continuada da compreensão do aprendizado da leitura, em que uma vez que quanto melhor o professor entender esse processo de conhecimento ampliará sua prática pedagógica.

Afinal, ensinar a ler é fazer compreender as diversas fronteiras que nos cercam dentro do universo da leitura. Logo, essa pesquisa se impõe inacabada, pois faz parte de um processo dentro do aperfeiçoamento profissional, como próprio conhecimento que sempre está em constante transformação.

#### 4 REFERÊNCIAS

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. **A leitura**; teoria, avaliação e desenvolvimento. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Natal: EDUFRRN, 2000.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. 3. ed. Brasília: A secretaria, 2001.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. Tradução de Fulvia Moretto, Guacira Machado e José Antônio Soares. São Paulo: Ática, 1998. V. 1

CANGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**; teoria, análise didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FREIRE Paulo. A importância do ato de ler. **A importância do ato de ler**: em três textos que se completam. 3.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GOÉS, Lúcia Pimentel. **Introdução a leitura infantil e juvenil**. 2.ed. São Paulo: Pioneiro, 1991.

LAJOLO, Marisa. **Literatura**: leitores & leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

MAGNANI, Maria do Rosário. **Leitura, literatura e escola**. Sobre a formação do gosto. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. ( Coleção primeiros passos 74).

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rococo, 1997.

RODRIGUES, Cássio; TOMITCH, Lenda Maria Braga et al. **Linguagem e cérebro humano**; contribuições multidisciplinares. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura**. 3. ed. Campinas, SP: Fontes, 2002.

ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola. In: ZILBERMAN, Regina (org). **A leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado aberto, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita**. Livro e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1: ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

### QUESTIONÁRIO COM PROFESSORES E EQUIPES PEDAGÓGICAS.

1) COMO VOCÊ VÊ O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS QUE NÃO SABEM LER?	2) QUAL A MELHOR FASE EM QUE O ALUNO DESCOBRIRÁ A LEITURA?
3) O ALUNO QUE NÃO LER TEM CONDIÇÕES DE ENTENDER E PRODUIR TEXTOS?	4) ALGO ESTÁ SENDO FEITO PARA OS ALUNOS QUE NÃO CONSEGUEM LER?
5) QUEM MAIS CONTRIBUIRÁ PARA A MOTIVAÇÃO DA APRENDIZAGEM DE LEITURA DOS ALUNOS QUE NÃO SABEM LER?	6) EM SUA OPINIÃO, O PROBLEMA DOS ALUNOS QUE CHEGAM SEM LER DURANTE AS SÉRIES INICIAIS É UM FATO ISOLADO SÓ NA REFERIDA ESCOLA OU PODE OCORRER EM OUTRAS ENTIDADES ESCOLARES?

## APÊNDICE 2: IMAGENS DA ESCOLA

